

Sobre os ofícios (τέχναι)¹, trabalhos e profissões² Artemidoro de Daldis, *Oneirokritika* Livro I, Capítulo 51.1 a 52.18, uma tradução para o português brasileiro

Anise A. G. D'Orange Ferreira³

FERREIRA, A.A.G.D. (2012). "Sobre os ofícios (τέχναι), trabalhos e profissões Artemidoro de Daldis, *Oneirokritika* Livro I, Capítulo 51.1 a 52.18, uma tradução para o português brasileiro". *Archai* n. 8, jan-jun 2012, pp. 137-141.

FCLAr/UNESP⁴, Araraquara, Sp.
Brasil.

1. A palavra costuma ser traduzida por arte, cujo sentido contemporâneo não se aplica ao contexto específico deste texto.

2. Sou muito grata à colega Edvanda B. Rosa que gentilmente se propôs a ler o presente texto e cujos comentários ajudou-me a buscar mais clareza.

3. Introdução baseada no relatório do projeto financiado pela FAPESP proc. n. 04/01505-0: Ferreira, 2005.

4. Área de Grego do Departamento de Linguística e Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, campus de Araraquara.

5. O autor explica que adotou o nome Artemidoro de Daldis, por ser esta a cidade natal da mãe, e por Éfeso já ser uma cidade muito celebrada por outros autores famosos dali nativos (Onir. 3, conclusão).

6. Berkowitz e Squitier, 1990.

Introdução

Os cinco livros de interpretação de sonhos de Artemidoro de Daldis, autor do séc. II d. C., natural de Éfeso⁵, na Ásia Menor, são classificados como pertencentes ao gênero de prosa pseudocientífica no cânone da literatura grega⁶. Obviamente, aí, a qualificação científica refere-se a um conceito moderno de ciência, em que a validade e confiabilidade do saber veiculado no texto podem ser verificadas na sua pretensão à verdade. Ainda, a ideia de gênero de texto pressupõe padrões de uso da linguagem associados às práticas sociais ou domínios discursivos, dentro de uma comunidade de falantes, reconhecidos e reproduzidos por esses. Ao ser rotulado de pseudocientífico, o texto tem sua pretensão à validade negada, além de pressupor um padrão formal para tal subgênero. É difícil julgar, posto que é a única obra completa do gênero, da antiguidade grega, escrita no período romano, sendo possível algumas comparações com excertos anteriores que mostram uma organização textual diferente sem os componentes lógicos e explicativos de Artemidoro (Van Lieshout 1980; Lewis 1996; Del Corno, 1969; 1988).

O texto de Artemidoro é discursivamente apresentado como um saber validado pela experiência própria, pela de seus predecessores e pelo seu próprio λόγος, ou sua lógica interpretativa. O autor se coloca diversas vezes na primeira pessoa, como observador dos eventos. Os verbos são usados predominantemente no modo indicativo, as asserções aparecem sem modalizações e apresentam princípios universalizantes. Dentre as palavras-chaves⁷ do texto, encontramos com maior chavicidade⁸ os verbos *interpretandi*: σημαίνειν, significar, προαγορεύειν, predizer, μαντεύεσθαι, pressagiar, e os verbos δοκεῖν e ἰδεῖν, parecer e ver, ambos com o sentido de sonhar. Dentre os verbos modais encontramos χρή, no seu uso impessoal, “é preciso, necessário”. Entre as palavras não-gramaticais com maior chavicidade encontramos as conjunções que introduzem explicações e justificativas: γάρ e διά. O texto, portanto, é uma mescla de sequências expositivas, explicativas e injuntivas.

O que tem atraído os leitores, contudo, não é o estilo ou o gênero do autor, mas a articulação entre os conteúdos oníricos e as atribuições de significados e consequências que ele nos apresenta para os sonhos. Os protagonistas do texto são justamente esses conteúdos, seus beneficiários e a lógica de sentido que Artemidoro estabelece entre eles, revelando sua visão dos mundos físico, social e subjetivo, público e privado, religioso e profano, que, em alguma medida, supomos ter sido compartilhada socialmente. Este excerto sobre o tema das τέχναι, ἔργα e ἐπιτηδεύματα, traz ao leitor uma amostra do modelo (ὕπόδειγμα) de tal articulação e, particularmente, nesta passagem é possível inferir as suas representações profissionais e pessoais a partir das vinculações e dependências entre os sentidos atribuídos a cada atividade profissional e às intenções e desejos do indivíduo que sonha. Este trecho está no primeiro livro, no qual o autor define as categorias de sonhos por ele observadas e consideradas relevantes, e expõe temas que seguem eventos e objetos cotidianos, a começar pelo nascimento.

Ao percorrer os conteúdos dessas instâncias da vida, o autor não passou despercebido aos estudos sociais e psicanalíticos modernos, principalmente, àqueles que se referem à interpretação da

sexualidade na antiguidade e na atualidade. Embora seja uma obra não muito estudada na academia, comparativamente aos textos gregos da época clássica e, por isso, menos conhecida do público em geral, diversos autores modernos se interessaram por essa obra e sobre alguns deles escrevi em estudos anteriores⁹ que serão publicados oportunamente. Na psicologia e psicanálise, ela é vista como um marco da história da investigação simbólica do sonho, e foi mencionada por Freud 1981 ([1900-1914] e Jung (1964), para citar os mais conhecidos. Também é tratada como fonte preciosa para os estudos sociológicos e psicológicos do sexo e do gênero na Grécia Antiga, a exemplo de Foucault (1985), Halperin (1990); Winkler (1990); McAlister (1992) e Nussbaum (1994). Na área da história das religiões e das mentalidades, foi tomada como indício de comportamento religioso para Veyne (1983); nos estudos filológicos e literários tem fornecido argumentos para interpretações de outras obras, como para Devereux (1976) e Meneses (1995, 2000) e sido alvo, justamente, há muito tempo, dos especialistas do gênero onirocrítico e da onirologia grega (Blum 1936; Del Corno 1969, 1988; Kessels 1969; Van Lieshout 1980; Bender 1988; Lobo 1992) e do gênero em outras culturas, como para Sirriyeh (2011) ou Oberhelman (1986; 2008). Sem contar, também, que já serviu de evidência linguística para a pronúncia do grego antigo em Avotins (1977) e, mais recentemente, Annequin (2003) trouxe dados sobre os hábitos alimentares nela revelados.

Texto grego¹⁰ Artemidori Daldiani, Onirocrítico.

1. 51.1 - 1.52.18

Περὶ διδασκαλίας τεχνῶν καὶ ἔργων καὶ ἐπιτηδεύματων τὸ μὲν καθόλου καὶ ἐπὶ πάντων ἄπταιστον τοῦτό ἐστιν. ὅσα τις ἔμαθε καὶ ἐδιδάχθη καὶ ἐπετήδευσε καὶ ποιεῖ ἔργα ἢ τέχναι, ταῦτα ὄναρ ἐργάζεσθαι καὶ ἐπιτηδεύ-

1.51.5

εῖν καὶ τυγχάνειν τοῦ προκειμένου ἀγαθόν πασιν· ἂ γὰρ τις ἐν νῷ ἔχει, περᾶναι καὶ κατὰ προαίρεσιν ἀνύσει· ἀπο- τυγχάνειν δὲ μοχθηρόν, τὰ γὰρ ἐναντία τῇ προαίρεσει σημαίνει. ὅσα δὲ τις οὐ μαθὼν οὐδὲ ἐπιτηδεύσας ὄναρ δοκεῖ ποιεῖν, ἐπιτυγχάνοντι μὲν ἀγαθόν, δυσεργές δὲ καὶ

7. *Keywords*, no sentido estatístico, ver nota seguinte.

8. *Keyness*, em inglês, obtida automaticamente pela análise estatística, log likelihood, entre um corpus de estudo comparado a um corpus de referência. Mais detalhes sobre o procedimento em Ferreira, 2001 e 2010.

9. Ferreira 2001, 2002, 2004a, 2004b, 2005, 2009

10. Texto grego da edição de R. A. Pack, 1963, com alterações no texto propostas por Houlihan, 1997, que se baseou na leitura da edição árabe de Toufic Fahd, 1964, de acordo com Ferreira, 2005.

11. Pack: Λύπας
 12. Pack: ἔτι κάκεινο
 13. Pack: διχονοίας και στάσεις
 14. Tradução revista do projeto financiado pela FAPESP proc. n. 04/01505-0, Ferreira, 2005.

1.51.10

μόλις τελεσθῆσόμενον· ἀποτυγχάνοντι δὲ πρὸς τῆ ματαιο- πονία παντός τοῦ προκειμένου και χλεῦη ἀκολουθεῖ. τὰ δὲ κατὰ μέρος ὡδέ πως ἔχει. γεωργεῖν ἢ σπείρειν ἢ φυτεύ- ειν ἢ ἀροτριᾶν ἀγαθὸν τοῖς γῆμαι προηρημένοις και τοῖς ἀπαισιν· ἀρουρα μὲν γὰρ οὐδὲν ἄλλο ἐστὶν ἢ γυνή, σπέρ-

1.51.15

ματα δὲ και φυτὰ οἱ παῖδες, πυροὶ μὲν υἰοί, κριθαὶ δὲ θυγατέρες, ὄσπρια δὲ τὰ ἐξαμβλώματα· τοῖς δὲ ἄλλοις πόνον και κακοπάθειαν σημαίνει και ἕαν τις νοσῆ κατὰ τὸν οἶκον τοῦ ιδόντος, τεθνήσκει· τὰ γὰρ σπέρματα και τὰ φυτὰ ὡσπερ και οἱ ἀποθανόντες καταχώννυται. θερί-

1.51.20

ζειν δὲ και τρυγᾶν και κλαδεύειν παρὰ μὲν τὸν καιρὸν ὀρώμενα τὰς πράξεις [τὰς τοιαύτας] και τὰς ἐγχειρήσεις πάσας εἰς ἐκεῖνο καιροῦ και ὥρας ἀναβάλλεται. κυβερνᾶν δὲ πᾶσιν, ἕαν μὲν καθοριζῶνται καλῶς ἢ ἀνάγωνται ἀκινδύνως, ἀγαθόν, οὐ <μέντοι> ἄνευ τινὸς πόνου και

1.51.25

φόβου ἐσόμενον· ἕαν δὲ ἢ χειμάζονται ἢ ναυαγῶσιν, ὑπερ-βολῆ κακόν, ὡς ἐγὼ παρεφύλαξα. σκυτεύειν δὲ και τεκτο- νεύειν ἀγαθὸν πᾶσι τοῖς κατὰ νόμον ζῶσι διὰ τὰ μέτρα και τοῖς γῆμαι ἢ κοινωνῆσαι θέλουσι διὰ τὰς ῥαφὰς και τοὺς ἄρ- μούς. τὸ δὲ βυρσοδεψεῖν πᾶσι πονηρόν· νεκρῶν γὰρ ἄπτεται

1.51.30

σωμάτων ὁ βυρσοδέψης και τῆς πόλεως ἀπώκισται· ἔπι και τὰ κρυπτὰ ἐλέγχει διὰ τὴν ὁδμήν. ἰατροῖς δὲ [και] χαλεπώτατον ἀπάντων. χρυσοχοεῖν δὲ πανουργίας περὶ τὸν ιδόντα σημαίνει διὰ τὰ ὑποκείμενα τῶν ἔργων και διὰ τοὺς ὑποπεπλεγμένους ἄρμούς. πλάσσειν <δὲ> και πυξο-

1.51.35

γραφεῖν και τορεύειν και ποιεῖν ἀγάλματα ἀγαθὸν μοιχοῖς και ῥήτορσι και πλαστογράφοις και πᾶσι τοῖς ἀπατεῶσι διὰ τὸ τὰ μὴ ὄντα ὡς ὄντα δεικνύειν τὰς τέχνας ταύτας· τοῖς δὲ λοιποῖς περιβουσίας σημαίνει και ὄχλων συνδρομὰς

1.52.1

διὰ τὸ τὰ ἔργα ταῦτα πολλοῖς ἐπιδεικνυσθαι. χαλκεύειν δὲ και παρεστάναι ἄκμονι ταραχὰς και δίκας τῶ ιδόντι¹¹ σημαίνει. τῶ δὲ γῆμαι προηρημένῳ

εὖνουν μὲν τὴν γυναικα διὰ τὰς φύσας (συμπνέουσι γάρ), μάχιμον δὲ διὰ τὰς σφύρας,

1.52.5

ἠχοῦσι γάρ. περὶ δὲ τῶν ἄλλων τεχνῶν ἔχοντας τὰ ὑπο- δείγματα ὁμοίως συμβάλλειν χρῆ πρὸς τὰς ὑποστάσεις ἀφορῶντας τὰς τε τῶν τεχνῶν και τί κἀνεῖν <αι σημαίνουσι περὶ τοῦ ιδόντος > και¹² ὅσα σημαίνουσι αἱ τέχναι, ἦν τις αὐτὰς ἐργάζε-σθαι δόξη, τὰ αὐτὰ σημαίνουσι και οἱ τεχνῖται ὀρώμενοι

1.52.10

και τὰ ἐργαστήρια αὐτῶν και τὰ ἐργαλεῖα, μικρᾶς ἐπὶ τῶν ἐργαλείων ὑπεξαίρεσεως τηρουμένης· ὅσα γὰρ τέμνει και διχάζει, ταῦτα πάντα στάσιν και διχόνοιαν¹³ και βλάβας σημαίνει, ὅσα δὲ τῶν ἐργαλείων ἐνοῖ ἢ συνδεῖ, ταῦτα ἀφελείας και γάμους και κοινωνίας προαγορεύει, ἀποδη-

1.52.15

μεῖν δὲ κωλύει· ὅσα δὲ λειοῖ, τὰς ἔχθρας παύει· ὅσα δὲ ἀπευθύνει, ἢ τὴν εὐθειαν δείκνυσι, τὰ κρυπτὰ ἐλέγχει, διὸ και τὴν γεωμετρίαν πρὸς τὰ τοιαῦτα ἐπιτήδειον νενο- μίκαμεν και τοὺς γεωμέτρας ὄναρ ὀρωμένους.

Tradução¹⁴

Artemidoro de Daldis, Oneirokritika
 Livro I, Capítulo 51.1 a 52.18

Sobre a interpretação dos ofícios (τέχναι), trabalhos e profissões

<1.51.1> Sobre a instrução dos ofícios, trabalhos e profissões, o que segue é de caráter geral a respeito de todos e infalível. Os trabalhos ou ofícios que alguém aprende, ensina, exerce ou faz, os mesmos num sonho sejam feitos e exercidos, <1.51.5> e alcancem o que foi proposto, são bons para todos. Pois as coisas que alguém planeja, as realizará e as completará de acordo com sua vontade. Mas não obtendo êxito são ruins, pois significam coisas contrárias à vontade. Tudo que alguém, não tendo aprendido, nem tendo praticado, parecer fazendo num sonho, com êxito, é bom, mas difícil, e <1.51.10> quase não será completado. Mas sem êxito, além do esforço em vão de todo o precedente, ainda vem uma zombaria.

A respeito dos ofícios, tratados singularmente, é do modo como se segue. Cultivar, semear, plantar ou arar é bom a todos os que pretendem se casar e aos que não têm filhos, pois a terra arada não é outra coisa que a mulher; as sementes <1.51.15> e plantas são as crianças: grãos de trigo, os filhos; de cevada, as filhas; e vagens, os abortos. Para os outros, significam trabalho duro e sofrimento. E se alguém estiver doente na casa de quem sonhar, morrerá, pois as sementes e as plantas são enterradas também como os que morrem.

Cortar, <1.51.20> recolher e podar as vinhas, quando são vistas essas ações fora da estação, também, da mesma forma, todos os empreendimentos ficam adiados até a sua ocasião e hora certa.

Pilotar barcos é bom para todos, se esses forem bem conduzidos ao porto ou se forem ao mar sem riscos, porém não sem algum trabalho duro <1.51.25> e sobressalto. Mas se forem atingidos por tempestade ou se naufragarem, é extremamente ruim, como eu observei de perto.

Ser sapateiro e carpinteiro é bom para todos os que vivem de acordo com a lei, em virtude das medidas, e aos que querem se casar ou associar-se a outros, em virtude das suturas e fechos. Curtir a pele é ruim para todos, pois o curtumeiro segura os corpos mortos, <1.51.30> e vive fora da cidade. Ainda, também, revela os segredos, em virtude do odor. Mas é mais difícil para os médicos dentre todas as profissões.

Trabalhar com ouro significa trapaças em volta de quem sonha, por causa da realidade desses trabalhos e por causa das ligas retorcidas. Esculpir, gravar <1.51.35> em tabuinha, gravar em metal e fazer estátuas é bom para adúlteros, oradores, forjadores e a todos os que enganam, por esses ofícios exibirem o que não existe como coisa que existe. Aos demais, significam escândalos e tumulto das multidões, <1.52.1> pelo fato de exibirem essas obras para o povo.

Forjar metais e estar perto de uma bigorna significa tumultos e processos¹⁵ para quem sonhar, mas para quem pretende se casar, significa que a mulher, de um lado, será gentil por causa dos foles (pois sopram juntos), e contestadora, de outro, por causa dos martelos, <1.52.5> pois eles ressoam.

Acerca dos outros ofícios, de posse desses modelos, é necessário interpretar de modo similar, comparando as realidades dos ofícios com as de quem sonhar. E o que aqueles ofícios indicarem em relação à situação do sonhador, tudo quanto significarem, se alguém sonhar exercê-los, o mesmo significam também, quando são vistos os artesãos, <1.52.10> suas oficinas e suas ferramentas, com uma pequena exceção devendo ser observada sobre as ferramentas. Todas que cortam e dividem, essas significam revolta, discórdia e danos; todas que unificam ou juntam, essas predizem benefícios, casamentos e associações, mas <1.52.15> impedem de viajar para o exterior. Todas que fazem polimento cessam as inimizades; todas que restauram, ou mostram a linha reta, revelam os segredos. Por isso, também, em relação a essas, consideramos apropriado o sonho em que são vistos a mensuração da terra e os geômetras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTEMIDORI DALDIANI (1963). *Onirocriticon. Libri V*. PACK, R. (Ed). Lipsiae, Bibliotheca Teubneriana.

ANNEQUIN, J. (2003). Aliments et pratiques alimentaires dans l'Onirocriticon d'Artémidore. *Dialogues d'Histoire Anciennes*, 29-2, p. 109-123.

AVOTINS, I. (1977). "Artemidorus of Daldis on the pronunciation of Greek", *Glotta*, 55, p. 222-225.

BENDER, H. (1998). "Predizione e simbolo in Artemidoro alla luce della moderna psicologia del sogno". In: G. Guidorizzi (ed.) *Il Sogno in Grecia*. Roma-Bari, Laterza.

BERKOWITZ, L. e SQUITIER, K. A. (1990). *Canon of Greek Authors and Works*. Thesaurus Linguae Graecae (TLG). California, Irvine.

DEL CORNO, D. (1969). *Graecorum de re onirocritica scriptorum reliquiae*. Milano: Varese.

_____ (1988). D. C'è metodo in questa folia: Artemidoro. In G. Guidorizzi (ed.) *Il sogno in Grecia*. Rom Bari, Laterza.

FAHD, T. (1964). Introduction. In *Artémidore D'Éphèse, Les Livres des Songes*, traduit du grec en arabe par Hounayan B. Ishòà q. Damascus, Institut Français de Damas.

FERREIRA, A. G. D'O. (2001). Oneirocritica, Livro 5: Aplicação de análise lexical automática em um estudo de literatura grega antiga. *Revista da ANPOLL*, 10, p. 47-70, jan/jun.

_____ (2002). A psique e as paixões na Oneirocritica de Artemidoro. Tese de doutorado em Letras clássicas não publicada. São Paulo, FFLCH Universidade de São Paulo.

15. Houlhan: δίκας; Pack: λύπας

- _____ (2004a) A língua de Artemidoro e os cânones do período antonino. XII Congresso da FIEC, Ouro Preto, 23 a 28 de agosto.
- _____ (2004b). "Oneirocritica: ancient desires and modern concepts of metaphor". Actas del Tercer Coloquio Internacional Ética y Estética: de Grecia a la Modernidad. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación Universidad Nacional de la Plata. 10-13 Junio, 2003.
- _____ (2005). Introdução à tradução de Artemidoro, Oneirokritika, Livro I. Relatório não publicado do projeto Fapesp: Artemidoro de Daldís, Oneirokritika, Livro I, Tradução e notas, proc. 04/01505-0.
- _____ (2009). Labor and τέχνη in the language of Artemidorus' dreams. 13o Congress of the FIEC. Berlin. Agosto 24 a 29.
- _____ (2010). Notas metodológicas para a elaboração de corpora digitais para fins didáticos de excertos de prosa grega antiga baseados em keywords. IX Encontro de Linguística de Corpus, PUC-RS. Porto Alegre, RS, 8 e 9 de outubro.
- FOUCAULT M. (1985). Sonhar com os próprios prazeres. In *História da Sexualidade*, Rio, Graal.
- FREUD S. (1981 [1900-14]). La interpretación de los sueños (XVII). Los Sueños (XVIII). Psicopatología de la vida cotidiana (XX). *Obras Completas*. Trad.de Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 4a ed.
- HALPERIN, D. M. (1990). *One Hundred Years of Homosexuality*. New York-London, Routledge.
- HOULIHAN, J. (1997). Observations on the text of Artemidorus, Oneirocritica Book 1. *Illinois Classical Studies*, 22, p. 99-119.
- JUNG C. G. (1964). *O Homem e seus símbolos*. Rio, Nova Fronteira.
- KESSELS, A. H. M. (1969) Ancient systems of dream- classification. *Mnemosyne*, XXII (4), p. 384-424.
- LEWIS N. (1996). *The interpretation of dreams & portents in antiquity*. Wauconda (IL, EUA): Bolchazy-Carducci.
- LOBO M. A. V. (1992). La literatura onirocrítica griega hasta al siglo II d. C. Estado de la cuestión. *Estudios Clásicos*, XXXIV, 101, p. 63-75.
- McALISTER, S. (1992). Gender as sign and symbolism in Artemidoros Oneirokritica: social aspirations and anxieties, *Helios*, 19 (1 e 2), p. 140-160.
- MENESES A. B. (1995). O sonho de Penélope. In *Do Poder da Palavra*. São Paulo, Duas Cidades.
- _____ (2000). "O sonho e a literatura: o mundo grego". *Psicologia USP*, 11(2). Disponível em <http://www.scielo.br/>
- NUSSBAUM, M. C. (1994). The "Oedipus rex" and the ancient unconscious. In Rudnytsky & Spitz (Eds). *Freud and forbidden knowledge*. New York & London: New York University Press.
- BERHELMAN, S. M. (1986). The interpretation of dream symbols in Byzantine oneirocritic literature. *ByzSlav*, XLVII, p. 8-24.
- _____ (2008). *Dreambooks in Byzantium. Six Oneirocritica in Translation, with Commentary and Introduction*. Aldershot (Hampshire, UK) e Burlington (VT, EUA): Ashgate.
- PACK, R. (1963). (ed). *Artemidori Daldiani: Onirocriticon*. Libri V, Lipsiae, Bibliotheca Teubneriana.
- SIRRIYEH, E. (2011). Arab stars, Assyrian dogs, and Greek 'angels': how Islamic is Muslim dream interpretation? *Journal of Islamic Studies*, 22:2, p. 215-233.
- VAN LIESHOUT. R. G. A. (1980). *Greeks on dreams*. Utrecht, HES.
- VEYNE, P. (1983). *Acreditavam os Gregos em seus Mitos?* São Paulo, Brasiliense.
- WINKLER, J. (1990). *The Constraints of Desire*. N.Y, Routledge.

Recebido em julho de 2011.
Aprovado em agosto de 2011.

